

O Cineclube Catavento em meio ao Encontro entre Cinema e Educação¹

Edgar Ramos BARRA²
Angela Nelly GOMES, Msc.³
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Este trabalho apresenta a trajetória e atividades do Cineclube Catavento situando-o em meio ao encontro dos campos do Cinema e Educação. O Cineclube Catavento é um Projeto de Extensão do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Pará, iniciado em 2017, que acontece em parceria com o Tribunal Regional do Trabalho da 8ª Região e se soma a um conjunto de estratégias do Programa de Combate ao Trabalho Infantil e Estímulo à Aprendizagem da Justiça do Trabalho na região. O artigo inicialmente traz um breve apanhado sobre a relação entre Cinema e Educação e como esse encontro vem sendo percebido por diversos pesquisadores durante os anos. A seguir, uma apresentação sobre o formato do Cineclube, suas atividades entre 2017 e 2018, seus objetivos e como são desenvolvidas as estratégias do Projeto em meio ao encontro entre Cinema e Educação.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; educação; cineclube; adolescentes; filmes.

1. Cinema e Educação: o que sabemos desse encontro

Num brevíssimo histórico sobre o tema desta pesquisa, Américo Galvão Neto (2005, p. 2) destaca que nas primeiras décadas do século XX, a relação entre Cinema e Educação desencadeou um debate no Brasil em diversos setores sociais, entre educadores, cineastas, políticos, movimentos anarquistas e religiosos. De um lado os anarquistas defendendo que o Cinema “deveria ser usado como instrumento a serviço da educação do homem, do povo e da transformação social, devendo se converter em arte revolucionária” (NETO, 2005, p. 2). Já os educadores propunham a criação do “cinema educativo, que, por certo, traria benefícios pedagógicos aos alunos, possibilitando uma nova modalidade de aprendizagem” (NETO, 2005, p. 2).

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, no 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado na Universidade Federal do Pará, em Belém-PA, de 2 a 7 de setembro de 2019.

² Bacharelado do Curso de Cinema e Audiovisual da UFPA, e-mail: edgarbarra12@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual da UFPA, e-mail: anelly@ufpa.br

Em 1964, Jan Marie Lambert Peters, em estudo para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) no livro “A educação cinematográfica”, destaca que, à época, muitos pais e educadores – preocupados com o “poder de sugestão do Cinema” – acreditavam ser importante uma intervenção do educador no domínio do Cinema, sugerindo ser a figura do professor uma espécie de supervisor de crianças e adolescentes ao assistirem filmes. Peters destaca que muitos desejavam uma “ação positiva” por parte dos educadores, visto que “muitos filmes podem dar aos espectadores sem experiência nem espírito crítico a impressão de que o crime e a sexualidade exercem uma influência predominante no mundo”, por exemplo (PETERS, 1964, p. 18).

Em seus estudos, ora apresentando conceitos conservadores, ora progressistas, Peters sugeria ser possível adotar aos poucos uma atitude mais crítica com os filmes sem, no entanto, perder tudo o que um filme pode trazer ao espectador:

quando um filme tem valor, é fora de dúvida que é preciso deixar o jovem espectador vive-lo intensamente, porém, a profundidade das impressões recebidas não deve ser, essencialmente, devida ao prestígio dos artistas, às somas fabulosas despendidas pelo produtor ou à novidade da técnica e dos truques (PETERS, 1964, p. 19).

Assim, estabelece o seguinte paralelo: proteger o jovem espectador contra as seduções de “mau quilate” é o aspecto negativo da educação cinematográfica e permitir-lhes julgar conscientemente e assimilar o que merece ser assimilado, é o aspecto positivo. (PETERS, 1964, p. 19)

O Cinema e a Educação já vêm se relacionando há décadas, mesmo que muitas vezes “não se reconheçam como parceiros na formação geral das pessoas”, destaca Rosália Duarte (2002, p. 85).

A humanidade aprendeu desde os tempos imemoriais que contar histórias era uma boa maneira de transmitir conhecimentos e ensinar valores aos mais jovens. Foi assim com as tragédias gregas, as parábolas bíblicas, os contos de fadas, as fábulas e as pantomimas medievais. O Cinema não ficou imune a essa fórmula: uma “boa” história, narrando situações dramáticas que deixam entrever ensinamentos morais frequentemente tentam “ensinar” que “o crime não compensa”, o “bem sempre vence” e “o verdadeiro amor sobrevive a todas as interpéries” (DUARTE, 2002, p. 63).

Ver filmes é uma prática social tão importante quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais (DUARTE, 2002, p. 17). Neste sentido, Graeme Turner (1997, p. 46) registra que nos estudos sobre Cinema – sobretudo a partir da criação

de periódicos e revistas num nível mais acadêmico na década de 1960 – foram inseridos métodos de outros campos de estudo como a linguística, a psicanálise, a antropologia e a semiótica. O Cinema, então, se torna parte de um argumento amplo sobre representação – “o processo social de fazer com que imagens, sons, signos, signifiquem algo” (TURNER, 1997, p. 48) – dentro dos estudos culturais. É neste momento que o significado de Cultura é redefinido como “processo que constrói o modo de vida de uma sociedade: seus sistemas para produzir significado, sentido ou consciência” (TURNER, 1997, p. 48).

Estudos posteriores, buscaram compreender como o Cinema pode fazer parte dos sistemas culturais, já que é um meio específico de produzir e reproduzir significação cultural. Assim, para Turner, (1997, p. 69)

A complexidade da produção cinematográfica torna essencial a interpretação, a leitura ativa de um filme. Inevitavelmente precisamos examinar minuciosamente o quadro, formar hipóteses sobre a evolução da narrativa, especular sobre seus possíveis significados, tentar obter algum domínio sobre o filme à medida que ele se desenvolve. O processo ativo da interpretação é essencial para a análise do cinema e para o prazer que ele proporciona.

O Cinema educa não porque ensina determinado conteúdo, mas porque condiciona operações cognitivas próprias da narrativa e “tensiona a relação do homem com o mundo numa dimensão social, psicológica, existencial e mítica” (DE ALMEIDA, 2017, p. 8). Nas duas últimas décadas têm ocorrido maior produção de trabalhos a respeito da relação Cinema e Educação e “a tendência aponta para um crescimento cada vez mais intenso, principalmente quando, junto ao Cinema, emparelha-se a ampliada produção audiovisual” (DE ALMEIDA, 2017, p. 24).

De acordo com Neto (2005, p. 3), em outros países, a linguagem cinematográfica é considerada “recurso estratégico para a construção e a preservação de identidades nacionais e culturais”. Ele cita países como a França, onde o Cinema é “uma expressão cultural legítima, sendo meio de preservação cultural da nação e da língua francesa” (NETO, 2005, p. 3). Ainda segundo o pesquisador, no Brasil,

“o valor educacional e cultural do Cinema não foi assimilado como arte que viabiliza interações na produção de conhecimentos e identidades. Grande parte da população brasileira desconhece a existência da produção cinematográfica nacional, mesmo com filmes incluídos dentre os melhores do mundo” (NETO, 2005, p. 3)

Com o avanço das tecnologias de informação, videocassete e computadores começaram a ser utilizados na prática pedagógica. No entanto, segundo Duarte (2002, p. 87), a escolha dos filmes no contexto escolar, geralmente, leva em conta o conteúdo programático que se pretende desenvolver por meio dos filmes. O ideal que envolveria esta escolha seria a possibilidade de “avaliar, criticar e identificar aquilo que pode ser tomado como elemento de reflexão sobre o Cinema, sobre a própria vida, sobre a sociedade em que se vive” e, assim, “uma prática que seja compartilhada e valorizada (DUARTE, 2002, p. 89).

Adriana Fresquet (2010, p. 1) considera importante multiplicar e diversificar as possibilidades do encontro entre Cinema e Educação. Visando “práticas de emancipação intelectual, ética e estética”, ela sugere

oferecer amplo leque de filmes de diferentes épocas e gêneros, em particular dos filmes de arte que não são fáceis de encontrar no circuito comercial; criar cineclubes, promover atividades para estudantes e professores nas salas de cinema e levar o Cinema, através dos seus filmes, às salas de aula, salas de espera, enfermarias ou recintos de reclusão. Cabe ainda desenvolver propostas de exercícios, experimentações com os recursos que hoje são cada vez mais acessíveis técnica e economicamente (FRESQUET, 2010, p. 1)

Tal pensamento liga-se diretamente com as atividades do Cineclube Catavento, como veremos mais adiante, tais como a feitura de filmes com celulares, algo que faz parte da metodologia do Cineclube Catavento, bem como, projetar Cinema “nas paredes de prédios, no pátio, nos recreios; criar pequenas cabines nas bibliotecas”. (FRESQUET, 2010, p. 2).

Então, diante do exposto fica evidente que é importante fomentar formas de entrelaçamento do Cinema e da Educação em espaços formais e informais de Educação. Assim, fortalecendo essa relação vão surgindo condições de construir também possibilidades de superação contra mazelas do “imperialismo e outras formas de hegemonia econômica e cultural” (FRESQUET, 2010, p. 2).

2. O Cineclube Catavento em meio ao encontro entre Cinema e Educação

O Cineclube Catavento é um projeto de extensão do Curso de Cinema e Audiovisual da UFPA iniciado em 2017, que consiste na realização de sessões de cineclube, com a exibição de filmes seguida de debate, aliadas a oficinas de produção de filmes de pequenos formatos com o uso de celular. As atividades são ofertadas a

adolescentes e jovens de bairros da Região Metropolitana de Belém, capital do Estado do Pará, alunos da rede pública de ensino fundamental e médio, em sua maioria até 18 anos. O Cineclube é executado em parceria com o Tribunal Regional do Trabalho da 8ª Região, Pará e Amapá, e soma-se a um conjunto de estratégias do Programa de Combate ao Trabalho Infantil e de Estímulo à Aprendizagem, programa nacional da Justiça Federal do Trabalho cuja execução no Pará e Amapá é de responsabilidade do TRT8. O projeto trabalha apenas com cinema brasileiro, incluindo as produções paraenses, com filmes que abordem questões e temáticas de interesse desse público-alvo.

No campo da Educação, o Cinema é utilizado como um instrumento para a promoção de olhar crítico e de reflexão da realidade, de percepção do indivíduo sobre o que o cerca, seja no âmbito social, político ou cultural. Assim, o Cineclube Catavento insere-se diretamente nesse contexto. Segundo o texto de apresentação do Projeto esse direcionamento já é nítido:

Há muito o Cinema é conhecido e utilizado como importante aliado da Educação, sendo usado inclusive como recurso pedagógico. Porém, os benefícios desse potencial educativo do Cinema vão além do espaço escolar formal ou pedagógico, alcançando mesmo o espaço cotidiano e o subjetivo de cada indivíduo. Isso porque a linguagem e narrativa cinematográfica ou audiovisual possuem características específicas ideais que despertam atenção, interesse e facilitam a compreensão e absorção de conteúdos e ideias. Mas também porque o filme ou o produto audiovisual tem uma capacidade de contribuição social implícita, pois é mais que um objeto estético. O filme expressa ou representa de forma tangível o mundo que ocupamos e partilhamos. Por isso, o Cinema tem o potencial e a capacidade de informar, refletir, questionar, criticar, instigar a reflexão, influenciar opiniões e comportamentos, compartilhar visões de mundo. Tudo isso contribui para a formação da visão crítica do indivíduo, tornando-o um ser mais consciente e crítico sobre seu meio, sobre sua realidade (GOMES, 2017).

Como apresentado, a atividade cineclubista contribui grandemente para a criticidade, ampliação da leitura de mundo, bem como é veículo para refletir sobre diversos temas importantes presentes na realidade de tantos adolescentes e jovens na Região Metropolitana de Belém, tais como: identidade e projeto de vida, uso abusivo de álcool e outras drogas, violência e extermínio da juventude periférica (sobretudo jovens negros), arte e cultura locais, afetividade e sexualidade, gravidez na adolescência, etc.

Os objetivos do Cineclube Catavento que, em sua maioria, estão ligados ao universo da relação Cinema e Educação são: oportunizar o acesso a filmes brasileiros e paraenses aos jovens participantes do Programa de Combate do Trabalho Infantil e Estímulo à Aprendizagem; utilizar o Cinema e a linguagem cinematográfica como

instrumento de estímulo à leitura, análise crítica de questões da atualidade e temas importantes para a juventude; provocar a reflexão sobre Direitos Humanos, cidadania, justiça, representatividade de gênero, sexualidade e juventude, entre outras temáticas de interesse do público-alvo, através da linguagem cinematográfica; promover a parceria e integração interinstitucional entre a UFPA, através do Curso de Cinema e Audiovisual, o TRT 8ª Região e a comunidade externa; promover e estimular a cultura do cineclubismo; contribuir para a formação de público e plateia para a arte cinematográfica; promover a visibilidade do Curso de Cinema e Audiovisual da UFPA junto à comunidade interna e externa. O Projeto possui uma complexidade que extrapola sua atividade inicial de cineclube, tornando-se um Projeto não apenas de formação de plateia, mas entrando na temática da formação do jovem como cidadão.

2.1. Primeira fase do Cineclube Catavento

Na fase inicial do Projeto ocorriam sessões mensais com filmes brasileiros, inclusive paraenses, seguidos de debate, envolvendo a cada sessão mais de 100 alunos no Auditório Aloysio da Costa Chaves, sede do TRT8, em Belém. Nesta primeira fase do Projeto o passo a passo para cada sessão se deu da seguinte forma:

1. Reunião da equipe do Projeto para definição de data e anuência do parceiro TRT8, respeitando as devidas agendas, fato este tão importante que causou a impossibilidade de realização da sessão alguns meses do ano;
2. Escolha do filme, sua temática e faixa etária indicada, sendo que, inicialmente, ocorreram sessões com filmes nacionais – como “Que horas ela volta?” de Anna Muylaert – porém, a partir da terceira sessão, o direcionamento se deu para exibição de filmes com realizadores paraenses. Isso causou um importante ganho para o Projeto propiciando, inclusive, a presença dos diretores dos filmes para um bate-papo com o público da sessão, a exemplo da exibição dos documentários “Paradoxos, paixões e Terra Firme”, com a presença do diretor Adriano Barroso e “Marajó das Letras”, com a participação das diretoras Sâmia Batista e Fernanda Martins;
3. Mobilização para a sessão por parte dos padrinhos do Programa de Combate ao Trabalho Infantil e Estímulo à Aprendizagem. Os padrinhos são pessoas de referência em determinados bairros ou territórios, responsáveis por mobilizar adolescentes e jovens para as ações do Programa;

-
4. Divulgação da sessão às assessorias de comunicação dos parceiros do Projeto e imprensa local;
 5. Organização de material e logística necessária à presença, à segurança da equipe e equipamentos;
 6. Análise prévia do filme para refletir sobre a temática e verificar possíveis perguntas norteadoras da discussão pós-filme;
 7. Realização da sessão;
 8. Publicação nas redes sociais e feedback aos parceiros do Projeto;
 9. Avaliação e planejamento da próxima sessão.

Tendo como um de seus objetivos a realização de, pelo menos, uma oficina de introdução ao audiovisual com alunos das escolas envolvidas no Projeto, em dezembro de 2017 ocorreu esta primeira oficina na Escola Estadual de Ensino Fundamental Waldemar Ribeiro, no bairro do Umarizal. Deste processo, originaram-se quatro pequenos filmes, com duração entre um e três minutos, escritos e dirigidos pelos próprios alunos da escola.

2.1. Segunda fase do Cineclube Catavento

Na fase posterior do Projeto, já em 2018, após mudanças nos direcionamentos do TRT8 em relação às sessões mensais, o Cineclube Catavento estabeleceu novas estratégias de atuação e cumprimento de seus objetivos. Foram três principais mudanças: local de desenvolvimento do Projeto, a quantidade de encontros mensais e a metodologia desenvolvida nestes encontros. Atualmente, as atividades do Cineclube ocorrem nos bairros da Região Metropolitana, em espaços formais e informais de educação, tais como escolas, núcleos de educação popular, centros comunitários.

Assim, ocorreram dois encontros por mês com o público-alvo da seguinte forma: em uma semana a equipe do Projeto desenvolve com aproximadamente 25 adolescentes uma oficina formativa de introdução ao audiovisual abordando linguagem, estética, formato dos filmes, sempre de forma simples, clara e lúdica. Ao final da oficina, os adolescentes são convidados a formarem grupos para a produção de filmes de duração entre um e três minutos, gravados com seus próprios celulares e orientados pelos bolsistas do Projeto (estudantes do Curso de Cinema e Audiovisual da UFPA).

Para essa atividade cujos adolescentes desenvolviam roteiro, atuação, fotografia e direção, não havia indicação de temática para os filmes: cada grupo ficava livre para definir e produzir, conforme a vontade e consenso do coletivo. Então, observou-se que as temáticas dos filmes resultantes desse processo traziam a visão desses grupos sobre temas complexos e presentes comumente na vida de adolescentes: bullying, greve de professores, machismo, relações familiares, bom uso da internet, relações interpessoais, inserção no mercado de trabalho, etc. Tal prática é refletida por Fresquet (2013, p. 23):

Ao aprender a filmar, por exemplo, todos nos colocamos em torno da câmera. O grupo se dispõe “ao redor” da câmera, desconstruindo qualquer forma de hierarquia de ocupação de lugar de saber. No seu aspecto técnico, esse saber transita com enorme fluidez entre os aprendizes/ensinantes, pelo amplo domínio e agilidade dos recursos dos aparelhos, sem medos nem tabus para explorar e aprender a usar qualquer recurso audiovisual.

Na semana posterior à oficina e gravação dos curtas, ocorria a montagem do material nos espaços de edição da Faculdade de Artes Visuais da UFPA, realizada por alunos de Cinema envolvidos no Projeto que orientaram cada uma daquelas equipes de adolescentes.

Então, na semana seguinte, ocorria a sessão de cineclube aberta aos demais adolescentes do bairro, tendo um filme principal, normalmente longa-metragem, definido previamente pela equipe do Projeto, sucedido de debate e reflexão entre os participantes. Porém, antes do filme principal, os curtas produzidos pelos adolescentes eram exibidos para aquele mesmo público que os produzira e, eventualmente, na presença de amigos e familiares.

Ao assistirem o filme principal, além de mergulharem no universo fílmico, certamente a visão sobre o fazer cinematográfico tornava-se mais ampliada, e as reflexões pós-filme principal tinham mais riqueza do que as ocorridas na fase anterior do Projeto (no formato de um encontro por mês com sessão de filmes seguida de debate).

Nesta fase do Projeto, ocorreram ganhos expressivos já que a equipe do Cineclube tinha maior presença junto aos adolescentes e jovens participantes. Essa proximidade favorece o conhecimento do outro, o “fazer junto” e a troca de experiências. Em outras palavras, um processo de Educação a partir do Cinema, com as atividades do Cineclube Catavento.

Para o êxito das atividades do Catavento, foi fundamental a parceria direta com os “padrinhos” do Programa de Combate ao Trabalho Infantil e Estímulo à Aprendizagem,

conduzido pelo TRT8. Os padrinhos (mediadores locais) mobilizavam grupos de adolescentes nos bairros que recebiam as atividades do Projeto o que trouxe maior qualidade na relação direta com o público alvo.

Entre 2017 e 2018, o Cineclube Catavento envolveu 900 adolescentes e jovens. Foram dez sessões de cineclube, cinco oficinas de iniciação ao audiovisual. Atividades em sete bairros da Região Metropolitana de Belém: Umarizal, Tapanã, Benguí, Guanabara, Paar, Cabanagem e Cidade Nova. Foram desenvolvidos treze pequenos filmes com duração entre um minuto e três minutos com diversas temáticas.

3. Considerações finais, por ora

Concordando com Adriana Fresquet (2010, p. 3), é muito mais proveitoso contemplar o encontro entre Cinema e Educação, trabalhar sob esse grande “guarda-chuva” de possibilidades do que concentrar-se em definir conceitos sobre esse encontro. Sabendo que a indústria cinematográfica e cultural nos impõe “uma forma de ser, de sentir, de viver e que vão progressivamente nos constituindo como sujeitos” (HOLLEBEN, 2008, p. 33), reconhecemos o Cinema como dispositivo pensante, “que pensa, faz pensar e dá o que pensar” (DE ALMEIDA, 2017, p. 6). Assim, também vemos como importante a postura de afastar-se da “pedagogização” do Cinema e de sua instrumentalização apenas para tratar conteúdos do currículo escolar. Daí a potencialidade do encontro entre Cinema e Educação estender-se a espaços informais de educação como centros comunitários, pontos de cultura, centros de saúde, organizações da sociedade civil, por exemplo.

Creemos ser importante que práticas nascidas a partir da Universidade sejam também um mecanismo fortalecedor do Cinema e da Educação em diversos espaços, sobretudo, em bairros da periferia da Região Metropolitana de Belém, atuando diretamente junto a adolescentes e jovens muitas vezes à margem de seus direitos e de sua dignidade como cidadãos.

Observando a trajetória do Cineclube Catavento, podemos concluir que o Projeto carrega em si o potencial intrínseco de contribuição à inclusão dos estudantes e grupos atendidos através da educação, da arte e da produção cultural, contribuindo para a formação cultural e cidadã desses jovens. Ou seja, contribui no processo de educação e formação desses jovens a partir do cinema, pois, não apenas ao assistir o filme, mas ao experimentar o processo de produzir uma obra, compreendem o potencial do audiovisual

como instrumento de produção de sentidos ou de reflexão sobre a realidade, o mundo ou o ambiente que os cerca. Assim o Cineclube constitui-se num autêntico Projeto de inclusão social via tecnologias da informação e comunicação.

Nestes tempos tão marcados pelas iniciativas recentes de desmonte da Educação, Cultura, pesquisa, levantar as “bandeiras” do Cinema e da Educação também é ato de resistência e algo politicamente fértil. Empreender pesquisa em Cinema e Educação é como plantar sementes para ajudar a transformar a realidade opressora que não existe por acaso, mas é fruto da ação dos homens. Sementes que contribuem para que quanto mais os indivíduos se inserirem criticamente na realidade, mais êxito poderão conseguir na transformação desta (FREIRE, 2005, p. 44).

REFERÊNCIAS

DE ALMEIDA, R. **Cinema e educação: fundamentos e perspectivas**. Educação em Revista (UFMG), v. 33, p. 1-27, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982017000100107&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 15 jun. 2019.

DUARTE, R. **Cinema & Educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**, 45ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRESQUET, A. **Cinema e educação**. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

FRESQUET, A. **Cinema e Educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GOMES, Angela. **Projeto Cineclube Catavento**. Belém: UFPA, 2017.

HOLLEBEN, I. M. A. S. **Cinema & Educação: diálogo possível**. 2008. Disponível em: www.moodle.ufba.br/mod/resource/view.php?id=69103. Acesso em: 15 jun. 2019.

NETO, A. G. **A arte fílmica e sua pedagogia**. Existência e Arte, Revista Eletrônica do Grupo PET, Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei, Ano I, Número I, jan a dez de 2005. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2->

repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/1_Edicao/AARTEFILMICESUAPEDAGOGIA.pdf.
Acesso em: 28 jun. 2019.

PETERS, J. M. L. **A educação cinematográfica**. Rio de Janeiro: IBECC, 1964.

TURNER, G. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.